

Histórias de Vivos Mortos

(E DE ALGUNS MORTOS VIVOS)

S
21

Morreu o Rei da Pop. O Senhor de Neverland. A encarnação viva de Peter Pan, o menino que se recusou a crescer e a deixar de ser criança.

Morreu o rei das cirurgias plásticas. O antigo multimilionário agora endividado em milhões de dólares. O autor do maior êxito discográfico de todos os tempos, de cuja genialidade nunca voltou a ser capaz de se aproximar.

Ambos os parágrafos que abrem este texto poderiam servir de apresentação a Michael Jackson. Ambos descrevem alguns dos atributos que, nos últimos 25 anos, nos habituámos a associar ao criador de *Thriller*. E afinal, seria Jackson um génio ou um clown grotesco?

Na manhã (em Portugal) seguinte ao anúncio da morte do cantor, levantei-me cedo, ainda desconhecedor da notícia. No telemóvel tinha uma sms que me comunicava que determinada figura do jet set nacional tinha acabado de subir uma posição no ranking dos pedófilos mais famosos do mundo. Só depois, ao ligar a televisão, percebi o assunto que servia de base à mensagem. E se este pequeno *fait-diver* pessoal revela, acima de tudo, o espírito sarcástico do autor do pequeno texto, mostra ainda uma outra coisa – há muito que Michael Jackson deixara de ser conhecido pelas suas performances musicais. E a pedofilia (nunca comprovada) era apenas uma das muitas histórias que o faziam andar nas bocas do mundo.

Nos dias a seguir à sua morte, falou-se muito de Elvis Presley e da semelhança do percurso dos dois. A comparação não é descabida. Ambos receberam o epíteto de “rei”, ambos foram elevados a ídolos de uma geração, após o que se entrincheiraram no interior de um enorme rancho (Graceland / Neverland) que se tornou ou tornará num templo de peregrinação para fãs de todo o mundo, espaços destinados a perpetuar a memória dos seus criadores e a enriquecer aqueles que lhes foram mais próximos. Ainda um pormenor – Michael Jackson foi casado com Lisa Presley, a filha de Elvis. Muitos disseram que a união teve objectivos meramente mediáticos e houve até quem alvitrasse que o casamento nunca foi consumado.

Mas o paralelismo não acaba aqui. Na verdade, à data da sua morte, ambos os músicos se tinham tornado sombras de si mesmo, espectros que sobreviviam no espaço mediático mais à custa das histórias decadentes das suas vidas do que da sua criação musical, cujos momentos marcantes estavam enterrados num passado já com mais de uma década.

E a música? (porque é de músicos que falamos) A verdade é que se Michael Jackson (ou Elvis Presley) tivesse falecido em 1985, quando tinha 27 anos, a sua relevância musical teria sido exactamente a mesma que tinha em 2009. O percurso com os

Jackson Five há muito que ficara para trás, as obras maiores *Off The Wall* e *Thriller* já estavam editadas, *We Are The World* era o exemplo maior da intersecção entre a música e a solidariedade, o passo de dança *moonwalk* já tinha entrado em cena, o clip musical como nova forma de arte já tinha ganho a sua carta de alforria com *Thriller* (a música), o vídeo que foi peça fundamental no crescimento da geração MTV.

E porquê aos 27 anos? A referência não é casual.

Entre 3 de Julho de 1969 e 3 de Julho de 1971 o mundo viu desaparecer quatro músicos de destaque do mundo do rock, uma espécie de clube J27 onde todos tinham um nome começado por J e 27 anos de idade. Brian Jones (1942-1969), Jimi Hendrix (1942-1970), Janis Joplin (1943-1970) e Jim Morrison (1943-1971) foram músicos de enorme talento e paixão mas foram mais do que isso – a sua música incendiou uma época, a sua presença em palco inaugurou

paradigmas, as suas obras foram imitadas, as suas gravações tornaram-se hinos e foram (e são) cantadas ao longo de gerações. Algumas das mais míticas histórias do rock’n’roll estão associadas a estes nomes – Hendrix a incendiar a sua guitarra em palco no final de um concerto no festival de Monterey ou a conseguir electrizar os milhares de resistentes que ficaram até ao final do festival de Woodstock, que encerrou com uma actuação que teve início às 9 horas da manhã de uma Segunda-feira; Morrison a ser preso em palco, acusado de conduta imoral; Joplin levando milhares ao paroxismo com a sua voz saída das profundezas; Brian Jones a revolucionar a música dos Rolling Stones com a introdução da sitar e a abertura do espectro musical.

A morte repentina destes quatro músicos trouxe de repente a noção de que a vida de excessos ligada ao mundo do rock era uma moeda com duas faces e tornava-se perceptível que o estilo de vida “sex

and drugs and rock’n’roll” não deixava de apresentar a sua factura.

O grupo J27 entronizou, assim, os primeiros ídolos prematuros do universo da música, artistas que viveram e levaram ao extremo os mitos associados ao rock, assumindo em pleno o conceito “live fast, die young”, viver sempre a 100 à hora, sem limites nem controle, morrer jovem, sem conhecer a velhice nem os limites impostos pelo corpo. De uma assentada, o panteão do rock entronizava quatro mártires e os adolescentes de todo o mundo encontravam quatro novos rostos para figurar nos poster ao lado de James Dean, o actor falecido em 1955, aos 24 anos, e que levava o conceito do “live fast” ao limite – morreu na sequência de um acidente de automóvel, quando o seu Porsche, em excesso de velocidade, embateu em outro veículo. A propósito dele se recordou que os deuses apenas escolhem para viver junto de si quando ainda são jovens aqueles a quem muito amam. O seu filme seguinte, que preparava, iria chamar-se “Alguém Lá em Cima Gosta de Mim”.

Do ponto de vista musical, ninguém pode dizer o que poderia ainda trazer a carreira do grupo S27. Brian Jones tinha sido recentemente expulso dos Rolling Stones devido ao facto do seu abuso do consumo de drogas estar a interferir com a carreira da banda e Morrison dava sinais de querer abandonar os Doors. E noventa por cento das obras-primas da história do rock foram feitas por músicos com menos de 25 anos. Talvez não seja demasiado cínico dizer que foi a morte que ajudou a transportar para a eternidade os nomes de Hendrix ou de Janis Joplin, como aliás os de outros que se lhe seguiram – John Lennon, Ian Curtis, Kurt Cobain. Já Michael Jackson integra outro capítulo desta mitologia do rock. A dos artistas decadentes, que souberam ou conseguiram sobreviver ao circo do rock mas que acabaram por se tornar figuras principais de um outro espectáculo – aquele em que transformaram a sua própria vida, centro disfuncional onde a música há muito ocupava um papel meramente decorativo.

Se morresse aos 50 anos, Hendrix ter-se-ia tornado executivo de uma multinacional da música? Em 1993, Jim Morrison seria um decrepito obeso que percorria os palcos do mundo cantando os êxitos dos anos 60? Aos 50 anos, Ian Curtis entraria no seu quarto casamento antes de um derradeiro ataque de epilepsia? Não sabemos. Apenas sabemos que foram estes que os deuses quiseram junto deles quando ainda eram jovens.



Mortos com Vida



A pérola dos anos 60

Janis Joplin - 1943 / 1970

Janis Lyn Joplin, filha de Dorothy e Seth Joplin, nasceu no dia 19 de Janeiro de 1943, na cidade de Port Arthur, Texas (EUA).

Antes de se interessar pela música, sentiu algum fascínio pela pintura, chegando a expor alguns quadros, num café da sua terra natal, em 1959, e já era fã da literatura Beatnik, elegendando Jack Kerouac como um dos seus

escritores favoritos. Na adolescência, cantava blues e folk, inspirada por Bessie Smith e Big Mama Thornton, para além de cantar no coro da igreja.

Cultivando sempre uma atitude rebelde, Janis quebrou de vez com as tradições locais, defendendo os direitos dos negros, nomeadamente de estudarem no mesmo colégio que os brancos. Entretanto começou a vestir-se como os poetas da geração beat e mudou-se para São Francisco, em 1963, época em que começa a cantar regularmente num pequeno grupo e em que o uso de drogas (incluindo a heroína) começa a aumentar. Também bebia bastante e a dependência das substâncias ilegais chegaria a ser mais importante do que a sua carreira musical, arruinando a sua saúde.

Em 1965, depois de um tratamento de desintoxicação, Janis Joplin volta a cantar, aproximando-se do grupo Big Brother & The Holding Company, que estava a ganhar algum destaque junto da comunidade hippie. Em 1968, o álbum *Cheap Thrills* lança a cantora para a fama, juntamente com os seus marcantes dotes vocais.



Walk in Silence

Ian Curtis - 1956 / 1980

Ainda hoje estão por perceber as razões que levaram Ian Curtis, seminal vocalista da não menos seminal banda de Manchester Joy Division,

a colocar uma corda à volta do pescoço na madrugada de 18 de Maio de 1980, na véspera de a banda iniciar uma digressão pelos Estados Unidos da América. Podemos acreditar que a doença (epilepsia) de que o vocalista padecia pudesse ser uma das razões. Podemos acreditar também que uma paixão escaldante numa relação extra conjugal pudesse estar na base de tal acto. Podemos ainda suspeitar que a sombria e cinzenta Manchester, sinónimo mítico de depressão, tivesse alguma coisa a ver com o assunto. Podemos, ainda e outra vez, agarrarmos ao estigma "live fast, die young" para poder explicar alguma coisa.

Um dos mitos do rock que serve de exemplo sintomático desta experiência vivencial e grande ídolo de Curtis, apesar de publicamente escondido, era Jim Morrison, que faleceu aos 27 anos. Mas Curtis, quando decidiu acabar de vez com a

Mortos em Vida

Em 1969, após abandonar da banda, Janis formou os Kozmic Blues Band, com quem editou o álbum *I Got Dem Ol' Kozmic Blues Again Mama!* O grupo separa-se em 1970 e Janis cria a banda Full Tilt Boogie Band, que a acompanha na gravação do LP *Pearl*, considerado uma obra-prima.

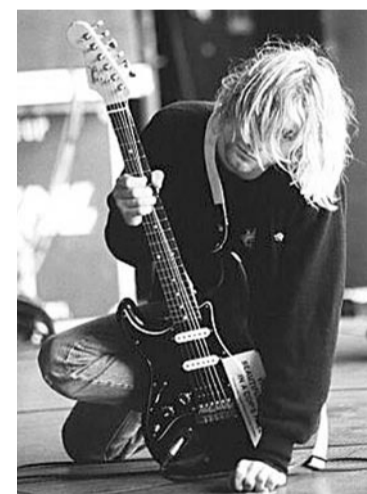
A 4 de Outubro de 1970 Janis foi encontrada morta no quarto de um hotel, em Los Angeles. Morreu de madrugada e foi encontrada, na manhã seguinte, com o nariz partido e com um maço de cigarros e o troco na mão. Hoje é lembrada pela sua voz forte e marcante e pelos temas de dor e perda que escolhia para as suas músicas. Costumava dizer: "Não faças compromissos, tu és tudo o que tens".

Uma personalidade feminina, de uma geração controversa e subversiva, resistente ao tradicionalismo e às imposições da época, mas com demasiados vícios privados e malfadados, com os quais estabeleceu um tentador compromisso e que a levou para a dimensão da morte. "Bebida por conta de pérola!"

Ana Sales

existência, tinha apenas 23. Em que é que ficamos, afinal? Só ele, o próprio, nos poderia dar uma resposta. Peter Hook, baixista dos Joy Division/New Order, num dos documentários sobre a banda, reflectia sobre os sinais de que algo estava mal aludindo às letras de Ian Curtis, às quais não dava grande importância, tal como acontecia, aliás, com os restantes membros da banda, Bernard Sumner e Stephen Morris. Mas afinal, e pelo que podemos depreender das palavras de Hook, estava tudo lá. É talvez através das palavras de Curtis, imortalizadas nos discos e em livro (*Assírio & Alvim*, 1996, edição revista e aumentada), que podemos tentar perceber as causas da sua morte ou, pelo menos, perscrutar alguma da sua essência. Uma coisa é certa: nenhuma outra morte do espectro pop rock é tão crua e silenciosa como esta...

Luís Antero



Um talento perdido

Kurt Cobain - 1967 / 1994

Quem não se lembra daquele rapaz, de cabelo comprido louro e t-shirt castanha às riscas verdes e brancas, a tocar guitarra e a cantar: "Aqui estamos nós, agora entretenham-nos!!". Quem não se lembra das majorettes a dançar as suas coreografias, enquanto jovens invadem progressivamente o palco, ao ritmo de uma crescente fúria e consciencialização? Eu lembro-me! E

lembro-me de cantar esse e outros versos de *Smells Like Teen Spirit*, primeira faixa do álbum *Nevermind*, dos Nirvana, lançado em 1991 e que entrou para o top das tabelas de venda por todo o mundo, em 1992, sendo mesmo considerada o "hino de uma geração". Apesar dos meus 13 anos da altura, a verdade é que a música resistiu e se eu a cantava dois ou três anos mais tarde, não posso negar que ainda hoje sei a letra de cor. Tal o poder!

Nirvana, a banda sensação, a banda contagiante, a banda que veio destruir o conceito de que já não era possível explorar o rock & roll, dando-lhe um toque mais sujo, pesado e alternativo. A banda mãe do grunge. Kurt Cobain, o seu líder. Kurt viveu uma vida curta. Nasceu em 1967 e suicidou-se aos 27 anos de idade. A sua vida foi marcada pela depressão, muitos desgastes emocionais e muitos vícios. Reza a sua biografia que a forte pressão exercida pelos meios de comunicação, bem como pela sua conturbada relação com Courtney Love (com quem teve uma filha), desenharam o fim trágico e prematuro da estrela rock. Apesar de ter sido o funda-

dor dos Nirvana (com o seu amigo e baixista Krist Novoselic, em 1987), e o seu mais carismático representante, Kurt Cobain era também um Artista. Desde pequeno que o desenho o fascinava, sendo mesmo ele quem acaba por desenhar a contracapa do terceiro e último álbum, *In Utero*. Kurt Cobain foi um marco, para alguns mesmo o porta-voz da chamada "Geração X". A "geração perdida", nascida da confrontação com um novo mundo, mais realista, mais consumista, menos utópico. O início de uma dramática, e ao mesmo tempo excitante, mudança, quer nos contextos sociais mais vastos, quer na música em particular. Foi a representação de um querer mais, de uma insatisfação latente.

Não conhecemos a interioridade de Kurt. Não sabemos os segredos que tinha, nem as sensações e emoções que verdadeiramente sentia. Mas sabemos o que produziu e nos legou. Será que Cobain, ao suicidar-se, queria atingir o Nirvana? O estado em que o ego é extinto, em que o eu é transcendido? Não sabemos, mas... "Oh, well, watever, nevermind".

Carina Correia



Estarão as estrelas a morrer?

Elvis Presley - 1935 / 1977

Um dia destes à noite enviaremos uma sms a informar que Michael Jackson tinha morrido. Pois, parece que sim. Notícia da morte e "ao vivo" em tudo o que era canal...

Pus-me a meditar uns segundos no alarido e dei comigo a pensar que afinal o senhor já tinha "morrido" há alguns anos. Depois de tudo, não me parece que o Sr. Jackson figurasse no mundo dos "vivos".

Lembrei-me então do vídeoclip do *Thriller*, longo e por vezes a arrastar-se penosamente, com os seus mortos-vivos - qual homenagem a George A. Romero, ainda vivo... - e como a MTV ajuda a tornar as "estrelas" imortais (ou quase). Mas fiquei com esta ideia: Jacko estava morto há anos...

Assim como há quem jure a "pés juntos" que Elvis está vivo, algures, refugiado, no estertor da sua velhice, numa ilha perdida no Pacífico Sul. Outros há que acham que morreu assim que aceitou a incorporação no exército. Dizem que foi um "suicídio"... Em 1958 Elvis, *The Pelvis*, o rebelde com causa teria, assim, morrido. 1958-1960 seria como que um tempo de purgatório... Porque há sempre

quem veja mais além, outros vislumbraram que ressuscitou no esplendor da sua decadência em Las Vegas. Não sei se foi do domínio da metafísica ou das lantejoulas, mas que houve brilho e transcendência, lá isso houve. Não são as estrelas assim? Em 1977 foi notícia: Elvis Presley é dado como morto. Foi-se o dandy. Veio o Punk. Tudo rock. No casino ou na rua. Rockabilly ou Hillbilly Cat.

Como nunca estão todos contentes, à vez, uns afirmavam que "Elvis is Alive" (allways). Outros (ainda) gritam "Punk's Not Dead". Freud, que gostava de se meter nestes assuntos (e também já morreu) dá umas pistas quando aborda essa coisa da "pulsão da morte" que assola os humanos.

Morrem humanos todos os dias, uns anónimos e outros menos. Nos últimos tempos, a para além de todos aqueles que morrem anonimamente, com fome ou de doença, com ou sem a necessária dignidade, saíram do nosso convívio Ralph Dahrendorf, um dos mais eminentes pensadores do Sec. XX; Pina Bausch, coreógrafa que reinventou o conceito de dança; a bela dos Anjos de Charlie, pin-up e ex-noivinha da América, Farrah Fawcett, como que a confirmar que tudo é efémero. Mesmo a fama. A menos que a façam perdurar.

Quem inventou a vacina contra o cancro do colo do útero? Quem é Cristiano Ronaldo? Quem é Paris Hilton? Quem é Elvis Presley? Quem são, afinal, as estrelas? O que é a cultura?

Ah, os Imortais, os Imortais!

José Francisco Rolo



O transformista

Michael Jackson - 1958 / 2009

Por incrível que pareça, senti muito a morte de Wacko Jacko, o autor do primeiro disco que comprei, em 1987, tinha eu 9 aninhos, Bad.

Dei comigo incrédulo a pensar que não podia ser, porque seguramente ele teria mais para dar ao mundo. Não necessariamente ao mundo da música, ao qual já tinha dado tudo o que tinha, que foi muito, dizem os entendidos na História da PoP e nas influências de carácter rítmico/estrutural/visual que a Soul da Motown veio a ter nos anos 90 e 00, mas principalmente pela inegável importância que a criatura teve no desenvolvimento da novíssima forma de expressão artística do transformismo mimético. Estou desiludido por ainda ninguém ter referido quão brilhante e intrépido Wacko Jacko foi por, ao longo da sua vida, ter exibido as suas faces transformadas. Lili Caneças ou Manuela Moura Guedes encontram-se entre os artistas principiantes deste novíssimo movimento cultural mas, infelizmente para o nosso orgulho nacional,

pertencem à facção Transformismo Mimético Pimba, ou não fossem elas portuguesas (manifestação do estado de desencanto em que se encontra o meu orgulho nacional).

O que interessa fixar é que a disciplina artística principal de Jacko desde há cerca de 35 anos (primeiro acto - Nariz 1) era a sua própria transformação, performance contínua, corajosa, em que inclusivamente apareceu em público ainda sem o trabalho terminado (pessoalmente, considero que foi uma falta de respeito para com os fãs). Acabou, injustamente, por se tornar mais conhecido pelas músicas e coreografias que criava para contextualizar a sua performance.

Tenho a convicção de que Wacko Jacko teria ainda muito para dar e que a sua performance facial estaria perto de um final glorioso, a apresentar ao mundo nos espectáculos da O2 Arena. Seguir-se-ia uma arrojada intervenção nos membros superiores, manobra arriscada, como confirma Rick Allen (outro transformista mimético conceituado e curiosamente também músico, baterista nos Def Leppard). A outra hipótese seria a substituição total da sua cabeça pela do Homem-Elefante, ficando a sua própria cabeça em exposição itinerante perpétua nos Hard-Rock Cafés.

Wacko Jacko foi o maior freak dos nossos tempos e conseguiui sê-lo no âmbito mais mainstream que é possível. Tatuagens? Piercings? Drogues? pffff, meninos...

P.S. Bateu-me agora que existe a possibilidade do gajo não ter morrido e esta ser uma morte encenada! Era um grande final Wacko!

Nuno Santos



Depois da fama...

a eternidade

JL

uma alternativa à tendência kitsch



Associação Cultural e Multimédia de Oliveira do Hospital



PERSPECTIVAS (7)

O conceito de "Cultura" (que não pretendo aqui definir nem teorizar) encerra várias e intrincadas acepções. Por exemplo, "cultura de massas", "cultura popular", "cultura oficial", "cultura alternativa", "cultura erudita". Qual destes significados devemos nós atribuir a uma associação local como a OHsXXI? Trata-se de uma interessante questão. Sem menosprezo por outras

associações locais (algumas, de certo, de enorme importância cultural, recreativa, desportiva e social), a OHsXXI será, porventura, a mais polissémica e irreverente associação cultural do município. Por isso, desde a sua fundação, em 1998, que constitui uma arrojada alternativa a uma convencional e formatada cultura de massas, de tendência kitsch, que o actual executivo da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital ajudou a banalizar no concelho. Dito de outro modo, representa uma espécie de complemento civil e independente à árida e inconsequente oferta cultural oficial. De resto, um complemento cultural, que, convém aqui enfatizar, não pode ser classificado de fechado e elitista, porquanto a OHsXXI opera em parcerias com diversas entidades individuais e colectivas, assim como os géneros e correntes artísticas que divulga podem e devem também enquadrar-se nos domínios da cultura popular.

Vários dos fundadores e colaboradores da OHsXXI são providos de uma genuína paixão por diversas formas de arte – artes plásticas, cinema, fotografia, música, literatura, banda desenhada... – e guarnecidos de horizontes nada despidiendos nestes domínios. Por conseguinte, o seu

bom senso e bom gosto não se esgotam nas formas e nos conteúdos artísticos mais ou menos instituídos, de carácter mais populista, mediático, trivial e mercantil. As múltiplas iniciativas de divulgação cultural desenvolvidas pela OHsXXI ao longo destes dez anos (festivais de artes plásticas/Agirarte, exposições de fotografia, ciclos de cinema temático, teatro, concursos de literatura e BD, apresentação de livros, leitura ao vivo de poesia, edição do mensário Suplemento Cultural da OHsXXI, concertos de música, conferências, fóruns...), reflectem, afinal, essa outra forma – diria eu, menos conformada e mais criativa – de estar e pensar a vida, a(s) arte(s) e a cultura.

Poderão os Cidadãos (com um C maiúsculo) directamente comprometidos com as iniciativas da OHsXXI superar as enriquecedoras experiências que têm proporcionado aos habitantes do município de Oliveira do Hospital, quantas vezes sem o justo reconhecimento dos poderes constituídos e da própria população local? Atendendo aos parcos meios logísticos e financeiros da associação, importa clarificar que o trabalho até agora desenvolvido foi prodigioso. Há, no entanto, outros caminhos que merecem ser melhor desbravados. Cito, a título de exemplo, um que me parece

significativo: a promoção de um amplo debate sobre o património histórico concelhio – o qual agrega a História e a Memória local, que só podem ser escritas, preservadas e divulgadas a partir da inventariação e interpretação dos seus respectivos documentos figurados (vestígios megalíticos e romanos, pelourinhos, igrejas, capelas, santuários, cruzeiros, alminhas, solares, pontes, velhas escolas, aldeias, artefactos...), escritos (cartas de foral, epitáfios, registos paroquiais e judiciais, livros de vereação, monografias, periódicos...), registados (fotografias, filmes, gravações sonoras...) e orais (memórias, mitos,

lendas...). Como estudar este imenso património histórico? Como preservá-lo e/ou requalificá-lo? Como divulgá-lo e promovê-lo? Enfim, como colocá-lo ao serviço de uma política identitária, sustentada e prospectiva do concelho? Eis algumas questões que valem a pena serem discutidas com profundidade. Eis algumas questões que há muito foram banidas da agenda do poder local aqui instituído e que podem hoje constituir um território de eleição e de intervenção cívica da OHsXXI – Associação Cultural e Multimédia de Oliveira do Hospital.

Luís Torgal (professor e historiador)



3 PISTAS

LETRAS

O Mundo é Plano?



A Índia, todos o sabemos, está na moda – porque é uma das mais dinâmicas economias emergentes do mundo; porque no decorrer deste século se irá tornar no país mais populoso da Terra, ultrapassando a China; porque serviu de palco ao maior sucesso cinematográfico de 2009, *Quem quer ser bilionário?* A esta lista poderíamos acrescentar outro sinal emblemático – em 2008, o vencedor do Man Booker Prize, galardão anual que premeia o melhor livro escrito em língua inglesa (americanos à parte), foi um indiano. *O Tigre Branco* foi entretanto editado em Portugal e é um livro indispensável para tentar perceber esta Índia que nos vai entrando porta dentro.

De certa forma, o romance de estreia de Aravind Adiga é o contraponto cínico do best-seller *O Mundo é Plano*, o ensaio otimista escrito por Thomas Friedman em 2005 e que nos deu a conhecer Bangalore, a cidade indiana que funciona como centro tecnológico do subcontinente e como montra de um país que quer dar a conhecer a sua face moderna e hi-tech.

O Tigre Branco é uma longa carta escrita precisamente a partir de Bangalore. O seu autor é Balram Halwai, um “empresário social”, como ele próprio se define, que vai relatando a história da sua migração entre as duas Índias, a da Escuridão e a da Luz, a qual corresponde também à descrição da sua ascensão social de motorista de um empresário a empresário de motoristas.

É uma Índia amarga a descrita por Balram, um país “sem saneamento mas com telemóveis” e onde pela quantidade de lixo amontoado fora dos muros da casa se percebe que os seus proprietários são gente rica. Uma nação que “apesar de não ter água potável, nem electricidade, nem sistema de esgotos, nem transportes públicos, nem regras de higiene, nem disciplina, nem boas maneiras, nem pontualidade”, tem empresários aos milhares, sobretudo na área da tecnologia.

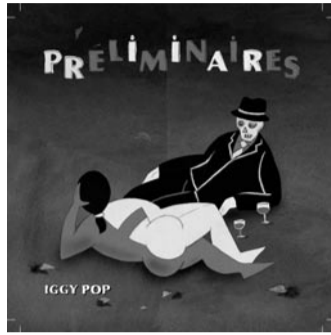
Cínico e desencantado, irónico e divertido, *O Tigre Branco* é um grande romance que lança alguma luz sobre os contrastes e contradições de um país cujo papel no palco mundial irá ser cada vez mais importante.

Artur Abreu

O Tigre Branco, Aravind Adiga, Editorial Presença, 2009

SONS

Colectânea de lados B



Poderá ter sido a morte de Ron Asheton a desencadear o desencanto público de James Osterberg pelo rock mais básico. Iggy Pop, como é universalmente conhecido, apesar de visceral, nunca foi um roqueiro básico. Comparativamente com aquilo a que hoje se chama de punk-rock considero-o, aliás, um intelectual do rock'n'roll. Apesar de, a dado

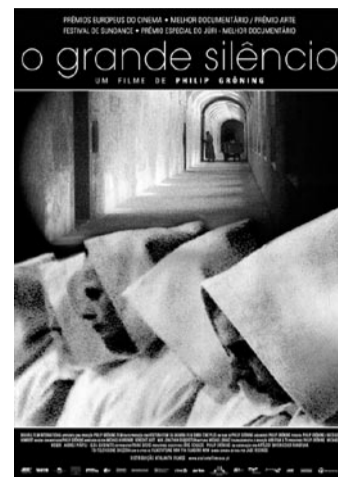
ponto da sua carreira, se ter misturado com uns Sum 40 e tal, e de nem sempre ter sido feliz nos músicos que o acompanharam ao vivo, reconheço-lhe todo o direito de insultar os roques que por aí se fazem.

Os mais aclamados álbuns da Iguana Pop são *The Idiot* e *Lust for Life*, ambos com mais de 30 anos e com momentos em que o Avô do Punk, Padrinho do Heavy-Metal e Tio em 3º grau do Grunge aparece com uma voz cava, escura, a falar sobre os tormentos da alma (maioritariamente sobre as almas encharcadas em heroína, ok). Mas aos 62 anos existem concerteza coisas mais importantes para confessar, pelo que, para quem conhece a sua obra, este disco não é uma pedrada no charco assim tão grande como tem sido escrito. Desde *Fun House* que o jazz faz parte de Iggy. Desta vez foi buscar o jazz primitivo de New Orleans para afirmar que a iguana que queria ser um cão chegou a Rei dos Cães. Surpreendente, porque canta (bem) em francês e porque se reinventa. Tendo sido apresentado como um disco de jazz e chanson française, não o é de facto. Além disto ainda tem bossa nova (*Insensatez*, de Jobim/Vinicius de Moraes), mas peca por não ter sido uma edição dedicada. Algumas canções foram feitas para um documentário sobre o livro *A possibilidade de uma ilha*, do francês Michel Houellebecq, tendo sido completado com outros temas escritos sem ter por base aquela obra. São todos bons, não se reconhece nenhum como sendo fraco. No entanto, apesar do tom morno ao longo de todo o disco, falta um fio condutor. Prefiro, portanto, considerar *Préliminaires* como uma espécie de colectânea de lados B do roqueiro mais maduro de todos, que sobreviveu a tudo e que mostra aos 62 anos que ainda tem música para dar.

Nuno Santos

Iggy Pop, *Préliminaires*, EMI, 2009

IMAGENS

Walk In Silence
Parte 2

O realizador alemão Philip Gröning esperou 17 anos, depois de pedida a devida autorização, para poder entrar na Grande Chartreuse, a casa-mãe da Ordem dos Cartuxos, em plenos Alpes franceses, e realizar o magistral *O Grande Silêncio*, filme-documentário-aguarela sobre os usos, costumes e rituais desta ordem, no interior do mosteiro.

Como se depreende do título da obra, este é um filme sobre o silêncio, “uma meditação silenciosa sobre a vida monástica na sua forma mais pura”.

Através dele passamos a conhecer a devoção a Deus destes padres de cabeça rapada, com as suas leituras, canto gregoriano, rituais e... silêncio, principalmente. É através dele que todos estes homens comunicam com Ele, que comunicam entre si. Quem vai para a Grande Chartreuse, depois de aceite, é para penetrar no silêncio e por ele se deixar levar ao encontro do absoluto. Até na sua formalidade, *O Grande Silêncio* respeita estas questões: não existe música, por exemplo. A que se ouve é a cantada pelos monges.

Este é um filme que fala da passagem do tempo, de homens com a missão de encontrarem a voz interior, primeiramente, para depois encontrarem a voz absoluta... É um filme que nos coloca a nós, espectadores, dentro da Grande Chartreuse, em silêncio, fazendo de nós monges reclusos por devoção, adoradores do silêncio como forma de alcançar também a voz absoluta. Este é um filme feito de pinceladas divinas, qual perfeita pintura, com Gröning a assumir o papel excelso de mestre (do) absoluto. É um filme para a vida, certamente ou, pelo menos, para um certo dia da vida, em que precisaremos de estar em silêncio, perscrutando o caminho...

Luís Antero

O Grande Silêncio, Philip Gröning, 2007, edição DVD

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Beck lança duas novidades por semana. O cantor californiano decidiu remodelar o seu site e escolheu uma ótima forma de o fazer. Para já, alojou no seu interior dois novos espaços, o Planned Obsolescence e o Record Club. No primeiro, semanalmente, é editado um DJ set, da autoria de Beck ou de um convidado, com remisturas de temas que andam a ouvir. Para Record Club o músico convocou um conjunto de amigos e, num único dia, gravaram versões de todos os temas do mítico *The Velvet Underground & Nico*. Os temas estão agora a ser colocados no site, à razão de um por semana. Quando terminarem, Beck já terá gravado a sua versão de um outro álbum, com um novo grupo de amigos. Os resultados podem ser ouvidos em www.beck.com. A má notícia é que não estão disponíveis para download.

Pixies 100% Doolittle. A banda de Black Francis escolheu uma forma invulgar de comemorar os 20 anos de edição do seu álbum mais emblemático – vai iniciar uma di-

gressão em que o set dos concertos será composto pela totalidade dos temas de *Doolittle*. Outros temas editados como lados B dos singles retirados desse álbum também serão incluídos. Uma boa oportunidade para voltar a ouvir *Wave of Mutilation*, *Here Comes Your Man*, *Monkey Gone to Heaven* ou *Gouge Away*.

Óscar de Melhor Filme passa a ter 10 nomeados. A 2 de Fevereiro de 2010, dia em que serão conhecidos os nomeados para os prémios do cinema americano de 2009, a lista de candidatos a melhor filme contará com dez nomes, ao contrário dos habituais cinco. A alteração retoma uma prática que vigorou durante as primeiras 16 edições dos prémios. *Casablanca*, em 1943, foi o último vencedor do óscar de Melhor Filme a sair de um lote de dez nomeados.

Prémio Camões para Arménio Vieira. O galardão maior da Língua Portuguesa coube, desta vez, a um cabo-verdiano, que assim sucede ao brasileiro João Ubaldo

Ribeiro. Poeta e ficcionista, Vieira, de 68 anos, apesar de ter publicado apenas quatro livros, tornou-se o quarto escritor africano a ser distinguido com o Camões desde 1989, depois dos angolanos Pepetela e Luandino Vieira e do moçambicano José Craveirinha.

Museu Coleção Berardo ultrapassa 1 milhão de visitantes. O museu instalado no edifício do Centro Cultural de Belém completou dois anos no dia 25 de Junho, período em que ultrapassou o milhão de visitantes. Ao todo, 1.153.000 pessoas visitaram o museu, das quais 592 mil no segundo ano de funcionamento. Outros números do segundo aniversário – 21 exposições realizadas, 128 empréstimos de obras para museus e instituições culturais de 11 cidades em 5 países europeus, no Brasil e nos EUA.

Sete maravilhas portuguesas distribuídas por 3 continentes. A escolha das sete construções mais emblemáticas construídas pelos portugueses em todo o mundo

contemplou a Fortaleza de Diu e a Basílica de Bom Jesus de Goa, ambas na Índia, a Igreja de S. Paulo, em Macau, a Fortaleza de Mazagão, em Marrocos, a Cidade Velha de Santiago, em Cabo Verde e os Conventos de S. Francisco de Assis da Penitência e de S. Francisco e Ordem Terceira, ambos no Brasil. Ao todo, havia 27 monumentos nomeados, dispersos por 16 países e três continentes – África (9 candidatos), América (8) e Ásia (10). Para 2010 está já marcada a escolha das Sete Maravilhas Naturais de Portugal.

Supremo Tribunal francês decide por pagamento a concorrentes de concursos. A decisão pode vir a revolucionar a relação entre televisões e participantes em programas de entretenimento, já que o tribunal considerou que a participação de três concorrentes no concurso *A Ilha da Tentação* equivalia ao trabalho de um emprego. Os queixosos receberam uma indemnização do canal responsável pelo concurso relativas a trabalho extra, ausência de folgas, despedimento

sem justa causa e fim ilícito de contrato. Boccon-Gibon, presidente da TF1 já admitiu que “a existência dos reality shows está ameaçada”.

Pato Donald completou 75 anos. O pato mais famoso do mundo foi criado nos estúdios Disney em 1934, tendo aparecido nesse ano no episódio *The Wise Little Hen* da série *Silly Symphonie*, projectada nos ecrãs de cinema americanos. Já com os característicos chapéu e camisa de marinheiro azuis com lista branca que se tornariam a sua imagem de marca, tornou-se um figurante habitual dos filmes com o rato Mickey até que, em 1937, estreou a sua própria série animada com o filme *Don Donald*. Logo no ano seguinte surgiu a primeira revista com o seu nome. Da carreira de Donald constam cerca de 200 filmes animados, 12 nomeações para o Óscar (conquistou um com *A face do Führer*, de 1943) e milhares de histórias de banda desenhada, de que se destacam as de Carl Barks, que desenhou mais de 500, entre 1942 e 1967, e foi o grande responsável pela definição da sua “personalidade”. Foi ainda na banda desenhada que Donald encarnou o alter-ego do Superpato e interpretou os *Duck Tales*, onde emula Indiana Jones.